

Apontamentos sobre as repercussões do Futurismo

Quando se pensa em Futurismo, apesar de seu autor ser italiano, a referência é a publicação do manifesto no jornal *Le Figaro*, em 20 de fevereiro de 1909. Sem dúvida, o ambiente e as referências culturais do jornal francês “legitimam”, de algum modo, o texto ali veiculado de Filippo Tommaso Marinetti. E esse dado foi assimilado pelos ambientes intelectuais, dentro e fora da Europa, seja em artigos de jornais ou periódicos e até nos livros de história da literatura. Porém, na verdade, a primeira divulgação do manifesto marinettiano é feita por um jornal italiano, de circulação limitada e com uma hegemonia cultural muito menor, poucos dias antes. É a *Gazzetta dell’Emilia* que publica a primeira versão do manifesto, na primeira página, em 05 de fevereiro de 1909. O centenário foi marcado por uma revisão e releitura da vanguarda italiana em muitos países: Itália, Estados Unidos, Inglaterra, Egito, Itália, Finlândia, dentre outros. Basta consultar o site oficial das comemorações www.centannidifuturismo.it, que diante das inúmeras atividades dividiu em cinco categorias as manifestações: congressos, espetáculos, exposições, música e publicações.

É curioso pensar que da mesma forma que o manifesto ganha “notoriedade” a partir da publicação no jornal francês, a sua repercussão no Brasil e todos os debates acontecem na região sudeste, principalmente em São Paulo, apesar de as primeiras traduções do texto de Marinetti surgirem no nordeste. Como ressalta Annateresa Fabris, a primeira notícia sobre o Futurismo no Brasil sai na imprensa carioca, no jornal *Correio da Manhã*, no dia 6 de abril de 1909, numa crônica de Manuel de Sousa Pinto. Nesse mesmo período, os ecos da vanguarda italiana já “pipoqueiam” na América Latina: sai a tradução do manifesto no jornal *La Nación* de Buenos Aires, traduzido por Rubén Darío.

Em território nacional, as primeiras traduções parciais e na íntegra são publicadas por jornais nordestinos, no mesmo ano da publicação do Manifesto, 1909, mas aparentemente sem nenhuma repercussão maior. Em junho, o jornal *A República* de Natal faz a primeira tradução do texto marinettiano no Brasil, apesar de ser

parcial. A matéria ocupa quase toda a quarta coluna da primeira página sob o título de “Futurismo” e com o seguinte incipit: “Damos aos nossos leitores a título de curiosidade o manifesto [...] revolucionário com que esta nova escola literária fundada pela revista *Poesia* de Milão se apresenta ao mundo intelectual”. Meses depois, em 30 de dezembro, o jornalista bahiano Almachio Diniz, no *Jornal de Notícias*, oferece aos leitores a primeira tradução na íntegra do manifesto, que vinha acompanhada do título “Uma nova escola literária”, que recupera o incipit de *A República*. Afirma o jornalista baiano:

Foi em 1909. Recebi, casualmente, um número da revista - “*Poesia*” - de que era redator F. T. Marinetti. Nela vinha o primeiro manifesto futurista. Naturalmente recebi estranhas impressões diante do esquisito da criação literária ali contida. De pronto, no - “*Jornal de Notícias*” - da Bahia, de 30 de dezembro de 1909, sob o título de “Uma nova escola literária” - publiquei, precedido de algumas palavras elucidativas, o manifesto do Futurismo” (Apud. CASTELO, 1999, p. 75)

Cem anos também, portanto, da primeira tradução completa publicada no Brasil. As palavras de Almachio Diniz, “cremos que somos o primeiro jornal brasileiro, que se ocupa deste assunto”, à princípio, não repercutem, mas é sem dúvida um registro que

não pode ser apagado ou esquecido. A divulgação de Diniz só suscitará alguma reação a partir da visita de Marinetti ao Brasil, em 1926. Nessa ocasião, a tradução e o artigo do jornalista bahiano são republicados num pequeno livro: F.T. Marinetti - sua Escola, sua Vida, sua Obra em Literatura Comparada. É interessante notar, a forma casual com que Diniz entra em contato com o manifesto: a partir do recebimento de um número da revista *Poesia* (números 7, 8 e 9 de 1909), dirigida pelo próprio Marinetti.

A efervescência que caracteriza a atmosfera das primeiras décadas do século XX é também marcada pelo interesse e curiosidade em relação à proposta de renovação e modernização futurista, ainda que de modo esparso. É possível identificar na imprensa brasileira algumas referências. Manuel Bandeira, em 1913, declara: “causa estranheza que não tenham ainda estourado por cá os futuristas...A nossa literatura é apenas um reflexo”, no artigo “Uma questão de métrica”. O correspondente italiano Ernesto Bertarelli publica no *Estado de São Paulo*, em 02 de julho de 1914, o artigo “As lições do Futurismo”, classificando essa vanguarda como “lógica e benéfica”. As discussões acerca da vanguarda italiana e o vocábulo futurista (com diferentes acepções) passam a ocupar mais espaços e a causar polêmicas nas esferas intelectuais do sudeste.

O texto de Sérgio Buarque de

Hollanda, “O Futurismo Paulista”, publicado em *Fon-Fon* (disponível no site da Biblioteca Nacional), em 10 de dezembro de 1921, por exemplo, já assinalava para algumas tensões, que no ano seguinte, em 1922, ganhariam de vez as páginas dos jornais e de alguns periódicos (*Klaxon*; *Revista Americana*; *Estética*; *A Revista*; *Terra Roxa* e *Outras Terras*). Na verdade, o que se tem é uma espécie de proposta que apresenta a grosso modo a vanguarda italiana, com seus aspectos positivos, e como os vocábulos futurismo/futurista são empregados no que é definido de “Futurismo Paulista”: “[...] vantagem que só por si já o justifica e o torna louvável. A tendência para o novo é a base e o fundo mesmo do movimento. Todo o resto é exterioridades [...] Por isso não é ta censurável o erro de alguns que chama futurista a toda tendência mais ou menos inovadora. E já hoje é nessa significação que se compreende quase universalmente a denominação de futurismo”

No livro de Maria Eugénia Boaventura, 22 por 22: a Semana de Arte Moderna vista por seus contemporâneos (2000), esse espírito ecoa em vários artigos da época que trazem no título referências ao ser “futurista”: “futurismo”, “futurista”, “arte futurista”, “futurices”, “balelas futuristas”, “ortografia futurista”, “boneca futurista”, “futurismo racial”. Como a pesquisadora mesmo afirma: “De qualquer modo a vanguarda italiana chegava ao Brasil vinculada ao conceito de moderno, de atual, portanto, nada mais natural do que usar suas bandeiras para, no início, desarmar os espíritos locais resistentes às novidades”.

O que se percebe é que alguns anos após a divulgação, as polêmicas, discussões e debates, as idéias futuristas ainda circulavam no país e eram motivo de debates, como demonstram o perfil e as discussões em alguns periódicos e toda a repercussão da vinda de Marinetti ao Brasil, em 1926, anunciada em vários órgãos da imprensa. No *Jornal do Brasil*, de 18 de maio, sai na primeira página o artigo “Não há salvação fora da esthetica da machina, do seu esplendor geométrico”, que antecipa alguns temas da conferência de Marinetti (sobre a vinda de Marinetti é também interessante consultar as cartas trocadas entre Mário de Andrade e Manuel Bandeira). De qualquer modo, é importante reconhecer, como afirma Annateresa Fabris, que tanto o futurismo quanto ao modernismo” [...] introduzem cunhas de novidade nos respectivos ambientes nacionais, não importando se respondiam ou não aos requisitos das vanguardas mais avançadas em outros países”.

**POR PATRICIA PETERLE,
ALEXANDRA PAVÃO E
FERNANDA MORO CECHINEL**

* Pesquisadoras da UFSC

